

Na morte de Michael Burawoy, um adeus inconformado

José Madureira Pinto

Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Economia da Universidade do Porto
Investigador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Artigo recebido a 05/05/2025.

Aceite para publicação a 11/05/2025.

Quando, em meados da década de 1980, se concluiu o primeiro ciclo da investigação que, em colaboração com João Ferreira de Almeida (e com o apoio, em delicadas tarefas de trabalho de campo, de Rodrigo Meireles, Rui Azevedo e Domingos Braga), dedicara ao estudo das dinâmicas sócio-simbólicas de uma colectividade rural do Noroeste Português (Fonte Arcada, no Concelho de Penafiel), tomei a decisão de passar a concentrar esforços, durante algum tempo, na análise dos trabalhadores da Construção Civil, um grupo profissional cujas ligações ao mundo rural, além de frequentemente sublinhadas na literatura das Ciências Sociais, se tinham revelado, no percurso de pesquisa precedente, merecedoras de atenção sociológica adicional.

Foi durante a preparação desta nova fase de trabalho que entrei em contacto com as propostas sociológicas de Michael Burawoy expostas em dois fulgurantes livros de sua autoria, a saber, *Manufacturing Consent. Changes in the Labor Process under Monopoly Capitalism*, publicado pela University of Chicago Press em 1979 (Burawoy, 1979), e *Politics of Production. Factory Regimes under Capitalism and Socialism*, editado em Londres pela Verso em 1985 (Burawoy, 1985).

Procurei dar testemunho da importância que para mim teve o acesso a tais propostas numa comunicação, intitulada “*Scolarisation, rapport au travail et transformation des pratiques sociales*”, apresentada, em Maio de 1987, no âmbito do Colóquio *La Sociologie et les*

Nouveaux Défis de la Modernisation, organizado pela Association Internationale des Sociologues de Langue Française em colaboração com a então recém-formada Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto (os trabalhos apresentados no referido Encontro viriam a ser publicados, em 1988, no volume, organizado por A. Custódio Gonçalves, A. Teixeira Fernandes e C. Lalive d'Épinay, cujo título reproduziu o do próprio Colóquio) (Madureira Pinto, 1988).

Fiz questão de sublinhar nessa altura que, nos dois livros referenciados, Michael Burawoy fora capaz de desvendar e objectivar, com a largueza de vistas fundada numa subtil e informada imaginação sociológica e a minúcia analítica que só uma criteriosa pesquisa de terreno permite alcançar, alguns dos mais importantes mecanismos simbólicos através dos quais as pesadas rotinas da produção se articulam, nos espaços em que se concretizam, com insólitas formas de competitividade lúdica (*“making out”*), não deixando de, por essa via, gerar consensos tácitos com implicações importantes no plano da reprodução económica, política e ideológica das sociedades. Pretendi, com tal chamada de atenção, dar relevo à original contribuição de um autor que, ao pensar o poderoso efeito socializador intimamente associado, ainda que sob a aparência de um fútil jogo, à disciplina da fábrica e de outros lugares de trabalho, viera mostrar, no quadro problemático da sociologia, e com a autoridade moral e epistemológica que a prolongada observação-participante dos locais analisados lhe conferia, de que modo podia tal efeito constituir um dos fundamentos e motores mais eficazes da ordem social global.

Com a análise sociológica dos processos de trabalho e das organizações levada a cabo por Michael Burawoy – garantia eu -, tinham sido dados passos decisivos para entender até que ponto os espaços físico-institucionais da produção constituem, desde as componentes essenciais do seu ordenamento organizacional até aos pequenos gestos, rituais e jogos do quotidiano do trabalho, contextos práticos de reprodução social envolvendo uma malha de componentes inextricavelmente materiais e simbólico-ideológicas. Ficava mais claro, perante os resultados de tal análise, que a política, as ideologias, os mitos, os medos, o desejo, a fantasia, nunca deixam de penetrar no coração (quer dizer, na materialidade) das práticas sociais da produção. E que estas, mesmo quando aparentam visar objectivos puramente

instrumentais, intervêm, de facto, de forma activa, nos processos sociais de construção de sentido, quer por intermédio da obtenção dos consensos, consentimentos e concessões lúdicas que contribuem para consolidar, no dia a dia do trabalho, a ordem social local, quer, em conjunturas especiais, através de intensas mobilizações susceptíveis de mudar globalmente o próprio *statu quo* societal.

Ao revelar, através dos conceitos de “*production politics*” e de “*factory regimes*”, e com base em informação empírica relevante, toda a influência dos aparelhos político-institucionais sobre o quotidiano do trabalho, bem como a eficácia propriamente política da organização dos processos produtivos, Burawoy ter-nos ia apontado, além disso – afirmava eu ainda -, filões teórico-metodológicos fundamentais para a compreensão dos fundamentos políticos das relações de trabalho, das identidades profissionais e das forças e fraquezas do movimento sindical, não sem adicionalmente poder dar conta tanto da progressiva instabilização dos vínculos laborais e da relação salarial capitalista globalmente considerada, quanto, por outro lado, das consequências pessoais de uma ordem produtiva assente, cada vez mais, na flexibilidade, real e ideologicamente induzida, dos processos produtivos.

O contributo de Michael Burawoy para o desenvolvimento do edifício sociológico de modo nenhum viria, porém, a ficar fechado nos limites do espaço de teorização dos factos sociais entreaberto nas obras atrás referenciadas. Com efeito, muitas outras questões cruciais no e para o desenvolvimento da disciplina acabariam por vir a ocupá-lo, depois disso, com empenhamento e vivacidade semelhantes aos que pusera nos primeiros trabalhos.

Foi o que, por exemplo, aconteceu com a discussão que promoveu acerca de múltiplos problemas ligados às especificidades e exigências da pesquisa observacional sobre os factos sociais. Nesse âmbito, veio a ganhar especial destaque, bem como indelével repercussão na agenda conceptual e metodológica da Sociologia, a reflexão (repleta de incursões eruditas, mas também de oportunas chamadas de atenção de um realismo sociologicamente muito bem temperado) que dedicou às experiências de revisitação sócio-etnológica levadas a cabo por investigadores desta área do saber (“Revisits: an outline of a theory of reflexive ethnography”, *American Sociological Review*, 2003, Vol. 68/October) (Burawoy, 2003).

Quando, em Março de 2006, Michael Burawoy esteve em Portugal, proferindo, entre outras intervenções, uma Conferência no Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto sobre, justamente, *“The methodology of revisits”*, coube-me a responsabilidade de formalmente o apresentar ao público que acorreu a escutá-lo. Na origem de tal incumbência esteve a circunstância de, na altura, ter a meu cargo a coordenação do trabalho de um conjunto de investigadores e assistentes de investigação do Instituto, da Universidade do Porto e do ISCTE (Virgílio Borges Pereira, João Queirós, Ester Gomes da Silva, Idalina Machado, Miguel Nogueira, Marta Cruz, João Ferreira de Almeida, José Luís Casanova, Ana Carolina Mendonça, Ana Sofia Freitas, José Pedro Silva e César Santos Silva), bem como de uma equipa de filmagem constituída por Serge Abramovici/Saguenail, Regina Guimarães e Rui Coelho, que, mais de um quarto de século após a pesquisa que, juntamente com João Ferreira de Almeida, me coubera desenvolver, se dispuseram a participar na revisitação sócio-etnológica das dinâmicas de transformação envolvendo a colectividade de Fonte Arcada (os resultados da pesquisa em causa, que, além dos intervenientes já nomeados, viria a contar ainda com a colaboração de Teresa Soeiro, Gilles Laferté e Nicolas Renahy, foram publicados por Edições Afrontamento em dois grossos livros e um CD: José Madureira Pinto e João Queirós (Orgs.), *Ir e voltar. Sociologia de uma Colectividade Local do Noroeste Português (1977-2007)*, Volume 1 (Madureira Pinto & Queirós, 2010) e João Ferreira de Almeida e Virgílio Borges Pereira (Orgs.), *Ir e voltar. Sociologia de uma Colectividade Local do Noroeste Português (1977-2007)*, Volume 2 (Ferreira de Almeida & Borges Pereira, 2021). Impõe-se assinalar, a este respeito, o facto de o próprio Michael Burawoy integrar, a título de “Consultor”, a “Equipa do Projecto” formalmente responsável pela revisitação em causa.

Outra frente de reflexão sociológica ocupada com brilho por Michael Burawoy durante a sua carreira académico-científica foi a que o levou a discutir com grande empenhamento a questão da relevância social e política dos saberes construídos no âmbito das Ciências Sociais, em geral, e da Sociologia, em particular – um tópico que soube explorar conceptualmente e praticar com grande vivacidade argumentativa, exemplar tolerância e agudo sentido de oportunidade quando desempenhou as funções de Presidente da *American Sociological Association* (2003-2004) e, mais tarde, da *International Sociological Association* (2010-2014).

Nesse âmbito, ficaram célebres, pela intensidade das discussões que suscitaram em múltiplos pólos do campo intelectual e institucional da Sociologia (incluindo o da Sociologia portuguesa), quer a distinção por si proposta entre “*Public Sociology*”, “*Professional Sociology*”, “*Critical Sociology*” e “*Policy Sociology*”, quer a defesa desassomburada que, a seu propósito, fez das potencialidades da Sociologia como instrumento de reformulação edificante da hierarquia dos problemas da agenda pública nas sociedades contemporâneas (“2004 Presidential Address: For Public Sociology”, 2005, *American Sociological Review*, Vol. 70/February) (Burawoy, 2005).

A relação das Ciências Sociais com a Política, esse tema tão antigo, mas também, lamentavelmente, tão recalcado entre sociólogos, viria a adquirir, no quadro problemático proposto por Burawoy, clareza, premência e heurística invulgares, graças precisamente à distinção, incisiva e polémica, mas sempre bem calibrada, entre as quatro variantes de abordagem sociológica por si enunciadas. Uma nova e original abertura para a discussão das potencialidades do debate democrático e do lugar que nele deveria ser legitimamente reivindicado pela Sociologia pôde, desse modo, ser vislumbrada.

Valendo-me mais uma vez do conteúdo da comunicação citada no início deste depoimento, terminarei este breve texto de homenagem aludindo a um traço do percurso intelectual de Michael Burawoy que, a meu ver, revela bem toda a grandeza e limpidez de carácter que o caracterizavam.

Tal como ousei afirmar no longínquo ano de 1987, vários eram os sociólogos que, afastando-se de algumas das premissas teóricas subjacentes ao contributo de Burawoy para a compreensão das determinantes estruturais dos processos de produção capitalista, tinham optado, já nessa altura, por enfatizar a panóplia de desfasamentos e contradições que tendem a emergir, nos espaços de trabalho concretos, entre, por um lado, os regimes disciplinares dominantes nesses lugares (regimes esses que o autor de *Manufacturing Consent* tenderia a considerar eminentemente integradores, na sua globalidade) e, por outro, as confluências de trajectórias e habitus de classe geradoras de práticas laborais tantas vezes não conformes ou

mesmo radicalmente inconformadas em relação aos padrões disciplinares e ordem produtiva instituídos.

Em vez de pressuporem a existência de uma ordem da fábrica que se presumia subordinada aos interesses das classes dominantes (ordem essa capaz, na óptica de Burawoy, de resistir à própria intromissão subversiva de dimensões lúdicas nas rotinas do trabalho), admitiam muitos outros que, nas práticas de trabalho concretas, emergem sempre, por imposição da diversidade de habitus, trajectórias e projectos sociais que aí necessariamente se intersectam, múltiplas falhas, recusas e demissões mais ou menos conscientes, gerando, por conseguinte, nos universos e práticas simbólicas envolvidas, outras tantas formas de retraimento, afastamento ou mesmo de dissidência face às imposições associadas ao trabalho regular (e regulado).

No final da década de 1980, um Pierre Bourdieu, por exemplo, defendia abertamente uma visão sobre a prática social em geral, e sobre o trabalho, em particular, globalmente divergente da que Michael Burawoy propusera. Perante tal divergência, tudo apontaria, então, na perspectiva do jovem sociólogo que eu era, para que, em nome do progresso da razão e do aprofundamento do conhecimento sociológico sobre situações concretas ligadas à esfera social da produção, os defensores das problemáticas em confronto (na verdade, a análise marxista, de um lado, e a “teoria da prática”, de outro) viessem a encontrar-se na arena sociológica, tratando de, nas práticas de pesquisa em que concretamente se envolvessem, fertilizar reciprocamente, sem pudores nem dogmas paralisantes, as convicções teóricas mobilizadas.

Sobre o divórcio entre o pensamento sociológico dos dois autores que, contrariando tal expectativa, virá a ocorrer, de facto, nas décadas (!) subsequentes, nada melhor do que atender às palavras com que o próprio Burawoy quis iniciar o Prólogo do livro em que, já no ano de 2019, viria a discutir aberta e extensamente as teses do sociólogo francês. Reconhece ele nessa altura: “A minha aproximação a Bourdieu foi longa e árdua, pejada de cepticismo e irritação. As suas frases são muito compridas, os parágrafos enigmáticos, os textos intrincados, o conhecimento patenteado intimidatório, os seus livros são cansativos, e a sua

obra expande-se desordenadamente. (...) Pierre Bourdieu é não só o grande analista da violência simbólica, ele é também o grande perpetrador de violência simbólica, compelindo-nos a acreditar que no seu trabalho se esconde algures uma qualquer grande verdade. Durante muitos anos fui anti-Bourdieu” (Michael Burawoy, *Symbolic violence. Conversations with Bourdieu*, Durham e Londres, Duke University Press, 2019) (Burawoy, 2019, p. 1).

Ora, lendo o livro de Michael Burawoy acabado de citar, a principal conclusão a retirar é a de que, contra o tom que o autor parece adoptar no início do Prólogo, mas plenamente de acordo com o que, em contraste, é sugerido no seu título, o percurso e balanço críticos efectuados a respeito das teses bourdieusianas, nada tem do tom meramente confrontacional ou, menos ainda, sumariamente excludente que marcou e marca tantas controvérsias teóricas nas Ciências Sociais. Trata-se, com efeito, nas páginas em causa, de, a propósito de domínios convencionais da Sociologia, e sem tentar esconder divergências ideológicas insanáveis entre as propostas bourdieusianas e a matriz marxista em que se situa o quadro de inteligibilidade sociológica subscrito por Burawoy, assinalar relevantes possibilidades teóricas e analíticas ao alcance da “teoria da prática”. Contra o que o próprio Bourdieu tenderá a afirmar, há, acredita Burawoy, em múltiplos domínios dos debates que percorrem as Ciências Sociais (por exemplo, o dos limites e possibilidades do combate contra o colonialismo, o das formas, expressas ou implícitas, de dominação cultural e, em particular, da dominação masculina, o da pobreza e exclusão em “sociedades de abundância”, o dos limites, sempre renovados, com que a “imaginação sociológica” tem de confrontar-se, o das velhas e novas formas de alienação no trabalho, entre outros), possibilidades efectivas de progressão da teoria bourdieusiana da prática. O convívio dos defensores de tal perspectiva com propostas oriundas do marxismo, ainda que veiculadas por personagens “menores” do campo sociológico, será potencialmente, de acordo com Burawoy, muito produtiva.

Poucos terão sabido, como ele, lidar com tal desafio. O sorriso atencioso e benévolo com que, sem abdicar do rigor e desafios de uma insaciável erudição, sempre soube manter nas polémicas que quis iniciar ou em que, como bom “conversador”, generosamente se deixou envolver deixa, em todos os que tiveram o privilégio de alguma vez o ter por perto, uma inconformada saudade. Estudar sociologia com o entusiasmo despretenso com que

Burawoy sempre o fez ser, porventura, então, a melhor forma de lhe rendermos uma sentida homenagem.

Referências bibliográficas

BURAWOY, M. (1979), *Manufacturing consent: Changes in the labor process under monopoly capitalism*, Chicago: University of Chicago Press.

BURAWOY, M. (1985), *The politics of production: Factory regimes under capitalism and socialism*, London: Verso.

BURAWOY, M. (2003), "Revisits: An outline of a theory of reflexive ethnography", *American Sociological Review*, 68(5), 645–679. <https://doi.org/10.2307/1519757>

BURAWOY, M. (2005), "For public sociology", *American Sociological Review*, 70(1), 4–28. <https://doi.org/10.1177/000312240507000102>

BURAWOY, M. (2019), *Symbolic violence: Conversations with Bourdieu*, Durham & London: Duke University Press.

FERREIRA DE ALMEIDA, J., & BORGES PEREIRA, V. (Orgs.). (2021), *Ir e voltar: Sociologia de uma colectividade local do Noroeste português (1977–2007)*, Volume 2, Porto: Edições Afrontamento.

MADUREIRA PINTO, J. (1988), "Scolarisation, rapport au travail et transformation des pratiques sociales", In A. Custódio Gonçalves, A. Teixeira Fernandes, & C. Lalive d'Épinay (orgs.), *La sociologie et les nouveaux défis de la modernisation* (pp. 31–46), Porto: Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MADUREIRA PINTO, J., & QUEIRÓS, J. (orgs.). (2010), *Ir e voltar: Sociologia de uma colectividade local do Noroeste português (1977–2007)*, volume 1, Porto: Edições Afrontamento

José Madureira Pinto.

Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Investigador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. ORCID ID: 0000-0001-7740-6349.

E-mail: jmp@fep.up.pt